

vida, com todas as suas possibilidades dramáticas, cômicas, pacíficas, construtivas e assim por diante.

A nossa tarefa como habitantes da cela de mosteiro que constitui o nosso próprio estado mental é construir melhores paredes, sabendo que as paredes estão vivas, que elas são finas e transmitem vida do nosso interior para fora, e recebem vida do mundo externo para dentro da nossa alma.

Nossa alma é a nossa cela de monastério. Nós vivemos nela. Nós pertencemos a ela, até certo ponto. Nós pertencemos a um mosteiro e ele é o nosso estado de consciência. Nosso estado de consciência registra todo o nosso passado, da encarnação atual e das existências anteriores. Ele registra as sementes do nosso futuro de curto, médio e longo prazo. Ele contém as sementes das nossas futuras encarnações.

Somos aquele monge em nós que tem consciência, até certo ponto, das coisas supraconscientes. É uma consciência não-verbal. Ele tem consciência também das coisas que se pode abordar por meio das palavras. Ele adquire uma certa consciência (crescente, espere-se) do subconsciente, do acúmulo de coisas do passado, de hábitos e atos automáticos. O monge em nós vai aprendendo a administrar não só as circunstâncias cotidianas da existência, mas a vida da cela de monastério, que é o nosso estado de consciência.

É plantando bons pensamentos, e bons sentimentos e purificando ou transmutando o que for impuro, que nós construímos uma melhor cela de mosteiro e nela meditamos melhor. O nosso eu superior ou monge interno aprende, medita, contempla e observa o mundo sem perder a sua capacidade de contemplar.

Mesmo se não reconhecemos ainda que somos essencialmente esse monge, cabe pensar nessa dimensão da nossa consciência. Vale a pena ampliar contato com a dimensão interior e superior da consciência.

A cela de monastério do nosso estado de alma não é um local necessariamente tranquilo. É um local de combate. Em quaisquer monastérios de tradições espirituais orientais ou ocidentais, há luta, há combates e batalhas frequentes entre luz e sombra, entre a sabedoria nascente na alma e a ignorância às vezes mais predominante, às vezes menos predominante.

Tanto em cristianismo como nas filosofias orientais, aquele que trilha o caminho do conhecimento divino é chamado de *guerreiro*. Assim, o monge é um guerreiro, mas ele faz a guerra contra a sua própria ignorância. Ele sabe que a ignorância de outrem não depende dele e pode ser deixada a cargo do devido responsável. O monge tem na sua agenda um número suficiente de tarefas enquanto luta para enfrentar a sua própria ausência de sabedoria.

O progresso é gradual. O progresso vai acontecendo aos poucos. Progresso significa libertação interior.

000

O texto acima é uma transcrição, revisada pelo autor, do vídeo “**Vivendo na Sua Própria Cela de Mosteiro**” - que pode ser visto nestes dois lugares: * [Canal Loja Independente de Teosofistas](#) * [Canal Filosofia Esotérica](#).

000

Os Governos, as Nações e a Teosofia

Escrevendo na primeira metade do século XIX, o Marquês de Maricá - um dos maiores filósofos brasileiros de todos os tempos - escreveu que as nações têm ordinariamente os governos e os governantes que merecem.

A verdade é dolorosa. Ela tira o nosso conforto emocional. Seria fácil e agradável pensar que nós somos bons e os governos dos nossos países são maus. Mas a ideia é uma ficção, uma ilusão moderna.

A ideia de que as nações têm geralmente os governos que merecem expressa a Lei do Carma. A nação está sujeita à lei do plantio e da colheita. Ela tem o que merece. A vida oferece a uma nação as condições em que ela pode enfrentar os seus defeitos, superar suas limitações e crescer no caminho do bem, trilhar o caminho da verdade. Cada nação deve trilhar o caminho da verdade ou mergulhar no caos. Quando uma nação parece (de acordo com os seus meios de comunicação social) estar caótica, é importante saber onde anda a verdade, onde anda a sinceridade, onde está a honestidade, porque a desonestidade não é um privilégio das elites políticas.

000

Veja o vídeo “Os Governos, as Nações e a Teosofia”, de 6m: * [Canal Loja Independente de Teosofistas](#) * [Canal Filosofia Esotérica](#).

000

Cinco Fontes de Força de Vontade e Contentamento

Há cinco passos que você pode dar, cinco providências que você pode tomar para expandir e fortalecer o poder da sua vontade e o seu contentamento na vida. Nenhum deles é fácil. Eles são solidários entre si. Um reforça o outro. Um necessita do outro. O primeiro deles é você desenvolver calma, você se desapegar um pouco mais das circunstâncias externas, de maneira que veja a vida com um certo desapego. Trata-se de olhar a vida do ponto de vista da calma, de quem tem tempo, de quem tem paz. Calma é sinônimo de paz.

000

Veja o vídeo “Cinco Fontes de Força de Vontade e Contentamento”, de 10m: * [Canal Loja Independente de Teosofistas](#) * [Canal Filosofia Esotérica](#).

000

O Peso e a Bênção da Escolha

Ao Elevarmos a Consciência, o Medo de Avançar Perde Força

Joana Maria Ferreira de Pinho



“Se ajo, condeno-me pela ação; se me abstenho, condeno-me pela omissão. Se vou, arrependo-me da escolha; se não vou, arrependo-me da renúncia.”

Assim vive a consciência incapaz de se reconciliar consigo mesma. A experiência transforma-se em julgamento contínuo em vez de se traduzir em ação. Cada possibilidade colocada diante do indivíduo converte-se em peso, e cada decisão contém já a semente do arrependimento.

Esse é o tribunal daqueles que não possuem harmonia interior. O juiz, o acusado e a testemunha são apenas reflexos de um mesmo eu dividido.

Quando alguém se encontra fragmentado, o eu inferior tenta ocupar um centro que não lhe pertence e, ao fazê-lo, interpreta a experiência a partir das suas próprias limitações, convertendo-a em culpa e condenação.

É assim que a mente se torna um sistema fechado sobre si mesmo, no qual o mesmo nível de “eu” assume simultaneamente múltiplas funções: réu, testemunha, advogado de acusação e de defesa, juiz e, por vezes, até carcereiro. Neste labirinto de espelhos, a punição é aplicada antes

mesmo de haver um veredito claro, porque o verdadeiro objetivo do sistema não é a justiça, mas a manutenção da culpa como um estado familiar de existência.

Nesse caso, não existe uma consciência que compreende a experiência como um todo. Os níveis inferiores não estão subordinados ao discernimento. O que há é um único nível inferior de consciência assumindo todas as funções, não pelo poder em si, mas para se condenar e se castigar nos papéis que cria.

Para que este tipo de drama termine, o tribunal interno não tem de ser destruído, mas sim iluminado. A avaliação dos nossos atos deve deixar de ser um castigo do eu inferior para passar a ser a voz da nossa própria essência. Como lembra um Mahatma:

“Levem em conta somente o elogio ou a condenação daquela divindade que jamais pode separar-se dos seus verdadeiros eus; porque tal divindade é de fato um Deus, isto é, a CONSCIÊNCIA MAIS ELEVADA.” [1]

Quando trocamos a Consciência Mais Elevada pelo tribunal dos olhos do mundo, ou do eu inferior, o discernimento espiritual é substituído pelo medo da rejeição e a bússola interna não pode funcionar. Assim se deixa de ouvir o Deus interno para tentar adivinhar o que os deuses externos esperam de nós.

Esta submissão não nasce da simples indecisão. Ela nasce de um hábito antigo de se perder de si mesmo, pouco a pouco, em cada tentativa de fazer o que era esperado, e em que o próprio sentir foi colocado em segundo plano. A mente aprendeu a calcular o afeto e quando não confiamos na intuição, transformamos a nossa bússola interna num debate jurídico interminável.

A indecisão torna-se assim consequência de algo mais profundo. É a consciência que já não confia no que sente, que antes de agir já se interroga, já se vigia, se corrige, condena e castiga.

Muitas vezes este mecanismo começa cedo, como na infância e na adolescência, em que ser aceito e amado parece depender de não errar e de não desagradar. Nesse esforço de adaptação, vai-se aprendendo a ouvir mais o exterior do que o interior e vai-se julgando a si mesmo mais através do que dizem os outros do que diz a voz da consciência.

Crescemos num ambiente cultural atravessado por crítica implícita e julgamento silencioso, e a mente aprende, quase por reflexo, a reproduzir essa mesma intolerância.

H. P. Blavatsky observa:

“... A maioria de nós, seja qual for a nacionalidade, nasce e cresce numa atmosfera densa de mexericos, crítica pouco caridosa e condenação generalizada.” [2]

Quando essa atmosfera exterior é assimilada pela criança, o julgamento do mundo passa a operar dentro de nós como uma segunda natureza. O que resulta de tudo isso é uma espécie de hesitação constante, como se cada escolha tivesse sempre de ser aprovada por alguém antes de poder existir.

Mesmo sendo adulto, o indeciso busca a autorização e aprovação dos pais ou da sociedade para existir. O adulto reproduz a estratégia de sobrevivência da criança, esquecendo que o preço de agradar ao mundo exterior é a traição ao seu mundo interno.

Este estado não se limita ao pensamento. Ele infiltra-se na vida diária sob a forma de adiamento constante, como se cada ação tivesse de esperar por uma aprovação interna que nunca chega. O que poderia ser feito no momento é adiado para depois, e o depois transforma-se num espaço indefinido.

A procrastinação é em grande parte das situações o medo do erro, sentimento que surge disfarçado de prudência. O problema é que o hábito de adiar decisões não protege o indivíduo, pelo contrário, enfraquece-o.

Carlos escreveu:

“A procrastinação repetida gera um sentido de irresponsabilidade. Seu magnetismo confuso debilita a vontade pessoal e torna difícil tomar decisões claras. Aquele que tem medo de olhar profundamente para a sua própria vida adia sistematicamente decisões firmes, e age de maneira imediatista com a desculpa de que ‘não há tempo para pensar’. Como um barco sem leme ou remo, o cidadão é então manipulado pelas circunstâncias de curto prazo.” [3]

Sob a força desse magnetismo confuso, a mente inferior tenta recuperar o controle através de um labirinto de justificações e argumentos. Surge assim uma forma de bloqueio interno, silencioso, que transforma as coisas simples da vida em fórmulas matemáticas complexas. A vida fica então em constante preparação e nunca é plenamente vivida. O indivíduo torna-se um eterno arquiteto, que planeja, mas é incapaz de construir com força própria o edifício da sua existência.

Para que o tribunal da consciência cumpra a sua verdadeira função, é necessário abdicar da exigência de uma escolha perfeita. Carlos alerta para o fato de que a vida quase sempre se mostra como externamente imperfeita. A reconciliação não nasce do acerto absoluto, nem da ausência de julgamento, mas da subordinação da mente inferior à justiça da Alma. Afinal, como Carlos escreveu:

“...A ideia de julgar inclui o dever de ser justo e equilibrado. Julgar e avaliar nos convida a prestar atenção aos fatos, a ter respeito pela verdade, e isso é benéfico - em primeiro lugar - para nós mesmos.” [4]

É preciso discernir, avaliar e corrigir o erro na medida certa, deixando que o julgamento seja um ato de inteligência espiritual que educa e liberta, e não um castigo da mente inferior que aprisiona para punir. Esta integração exige a construção de Antahkarana, a ponte que submete os receios do eu inferior à sabedoria do Eu Superior.

Ao elevarmos a consciência, o medo da escolha perde força. Em vez de temermos a decisão, passamos a olhar para os fatos com a clareza de quem sabe que qualquer resultado traz uma oportunidade de aprendizagem. Com esta atitude perante a vida, torna-se evidente que a indecisão não evita o sofrimento, apenas o prolonga. A coragem de agir e aceitar a realidade produz uma bênção e devolve-nos a confiança na Vida.

NOTAS:

[1] Do texto “[Algumas Palavras Sobre a Vida Diária](#)”, de Um Mestre de Sabedoria.

[2] Do texto “[Is Denunciation a Duty?](#)”, de Helena P. Blavatsky.

[3] Do artigo “[O Planejamento Elimina a Postergação](#)”.

[4] Do texto “[A Arte de Julgar Pessoas](#)”.

000

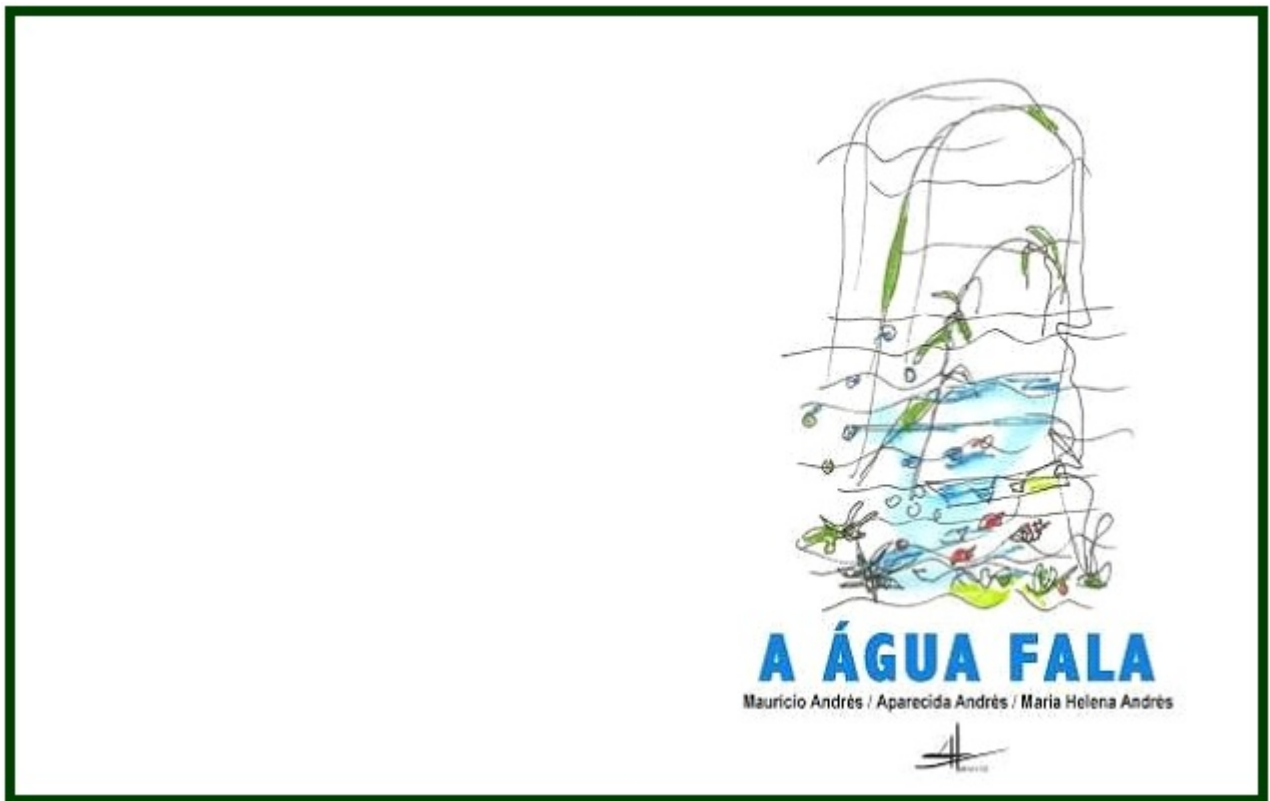
O texto acima foi base para um estudo semanal da Loja Independente de Teosofistas no primeiro semestre de 2026.

000

Palestras Sobre Hidrosafia - 02

A Civilização Hidrocêntrica

Maurício Andrés Ribeiro



Hidrósofo é aquele que bebe um copo d'água com gratidão.

1: As Feridas Narcísicas e a sua Cura pela Água

Quero começar com uma pergunta simples: quando você bebeu um copo d'água hoje pela manhã, o que você viu? Provavelmente viu apenas água. Mas eu lhe pergunto: será que você não viu também o derretimento de uma geleira nos Andes? Será que você não testemunhou, sem saber, a transpiração de uma árvore na Amazônia que virou rio voador? Será que você não tocou, nesse copo, a mesma molécula que já passou pelo corpo de um peixe há mil anos, ou pela lágrima de alguém que amou?

Estamos vivendo uma transformação acelerada do planeta. Secas históricas, enchentes devastadoras, furacões cada vez mais intensos - tudo isso nos grita uma verdade que não temos escutado: nossa relação com a água está doente. E quando a relação com a água adocece, a civilização adocece junto.

Existe uma ilusão profunda de nos sentirmos donos do oceano sendo apenas uma gota. É a ilusão de que a água começa no copo e termina no esgoto. É a alienação de acreditar que podemos violentar rios com concreto e asfalto, envenenar aquíferos com agrotóxicos, secar nascentes com desmatamento, e nada vai acontecer conosco.

Construímos cidades que se inundam com a chuva, represas que violentam o desejo do rio, poços que sugam o silêncio dos aquíferos. E a água, paciente, aceitou o cárcere. Aceitou ser recurso. Aceitou ser número. Aceitou ser dejetado nos canos do progresso.

Mas ela guarda memória. E quando o gelo derrete, é lágrima. Quando o mar sobe, é ressaca. Quando o rio seca, é ausência que ensina.

Essa é a nossa ilusão atual: achar que estamos separados do ciclo. Achar que somos senhores, quando somos apenas uma passagem, um breve canal entre o oceano e o céu.

Por isso estou aqui hoje para falar de um sonho. Um projeto. Uma meta civilizatória: a **Civilização Hidrocêntrica**.

Não se assustem com a palavra. Ela não é um conceito acadêmico distante. É, na verdade, o reconhecimento mais íntimo de quem nós somos. Nós somos, em essência, água que aprendeu a sentir, a se emocionar e a pensar. E o que proponho é que aceitemos essa verdade e construamos, a partir dela, um novo mundo.

O físico Marcelo Gleiser fala de três feridas narcísicas da humanidade. Primeiro, achávamos que a Terra era o centro do universo. Copérnico chegou e nos deu um golpe: não, a Terra não é o centro, o Sol é o centro de uma parte ínfima do universo, o sistema solar.

Depois, achávamos que éramos a espécie eleita, criados à imagem e semelhança de Deus. Darwin veio e disse: vocês são apenas mais um galho na árvore da evolução. Outra ferida. Em seguida, achávamos que éramos senhores absolutos da nossa consciência. Freud mostrou que somos movidos por forças inconscientes que mal controlamos. Mais uma ferida.

Agora, a Inteligência Artificial nos humilha: máquinas que organizam conhecimento mais rápido e melhor que qualquer especialista. Esta ferida é um golpe no nosso orgulho, vaidade, autoestima.

Como curar essas feridas? Uma resposta possível: tornando-nos um com o planeta e com o universo por meio da substância que nos constitui - a água.

Um poema nos ensina: “A cura não é fechar a ferida. É deixar que ela se torne nascente.” A cura não é anestesia. É ferida que aprendeu a fluir. É quando o homem, de joelhos na poeira, descobre que o pó também tem sede. É quando o sábio, humilhado pela máquina, senta-se à beira do rio e escuta o que a água sempre disse e ele nunca ouviu.

Porque a água não precisa de centro. Ela é centro e periferia, origem e fim. Ela é o copo e a sede, a fonte e a foz, a chuva que lava a ferida e a ferida que chove.

Na civilização hidrocêntrica, a cura não é almejar ser deus. É aceitar ser gota. É aprender que a humilhação de Copérnico era apenas o prelúdio da humildade líquida: não somos o centro, mas participamos do centro a cada vez que a água nos atravessa.

Completamos também duas frases incompletas:

“Tu és pó e ao pó voltarás” - disseram. Mas esqueceram de completar: tu és água e no ciclo da água permanecerás. O corpo cremado sobe em vapor e abraça a nuvem. O corpo enterrado infiltra-se, vira necrochorume, alimenta aquíferos, raízes, nascentes.

“Somos poeira de estrelas” - celebramos com Carl Sagan. Mas também somos água de cometas, lágrimas de mundos que explodiram para que pudéssemos, um dia, chorar. Somos poeira incandescente e orvalho gelado, contradição que aprendeu a fluir.



Hidrocentrismo: o ciclo da água como o princípio organizador da vida Foto: Maurício Andrés

2: O que é a Civilização Hidrocêntrica

A **Civilização Hidrocêntrica** é sobre um **salto evolutivo para a frente**.

O **hidrocentrismo** coloca o ciclo integral da água como princípio organizador da vida individual e coletiva. Isso significa que a água - em suas formas sólida, líquida e gasosa, coloidal; doce, salobra e salgada; que forma os oceanos e as nuvens, que corre no rio e que pulsa no coração - torna-se o eixo central de valor, compreensão, ética e organização social. Essa perspectiva transcende e integra visões anteriores:

* Ela **supera o antropocentrismo** (o homem no centro), que vê a natureza como recurso a ser explorado.

* Ela **aprofunda o biocentrismo** (a vida no centro), ao focalizar a água como elemento comum, que é o meio constituinte da origem da vida.

* Ela **enriquece o ecocentrismo** (o ecossistema no centro), revelando a dinâmica fluida que interliga todos os ecossistemas.

Percebam a beleza disso: a água é o que conecta uma bactéria no fundo do oceano a uma nuvem sobre o Himalaia, o suor do seu rosto à seiva de uma árvore na floresta, a lágrima de uma mãe ao ciclo das chuvas que irriga plantações.

Ao colocar o ciclo da água no centro do projeto civilizatório, estamos alinhando nossa cultura à lei mais fundamental do planeta: **a lei do fluxo, da conexão e da transformação perpétua.**

3: A Hidratação dos Valores Humanos

Agora chegamos ao coração da proposta. Se queremos uma civilização hidrocêntrica, precisamos **hidratar nossos valores**. O verbo “hidratar” ganha um novo significado: não é apenas beber água, mas impregnar tudo com as qualidades da água.

Assim como a água se adapta sem perder a essência, persiste sem rigidez, tem força sem violência, conecta a montanha ao oceano - nossos valores precisam aprender essas lições.

Vejamos como isso se aplica:

1. Sabedoria Hidratada

A sabedoria deixa de ser acúmulo de informação e torna-se a capacidade de perceber e atuar de acordo com as conexões do ciclo da água. O sábio, na civilização hidrocêntrica, é aquele que compreende a linguagem da água em suas múltiplas formas. É quem sabe ler um céu, entender um solo, escutar um rio.

2. Justiça Hídrica

A justiça tradicional usa balanças - pesos e medidas. A justiça hidratada se assemelha ao ciclo hidrológico: um sistema onde cada parte recebe conforme sua necessidade e devolve conforme sua capacidade, mantendo um equilíbrio dinâmico. É a justiça interespecies e intergeracional, garantindo que o ciclo da água permaneça amigável à vida de todos os seres, agora e no futuro.

3. Coragem Líquida

A coragem hidratada não é a braveza que enfrenta tudo de frente. É a força da água que corre contornando obstáculos, que persiste gota a gota até furar a pedra mais dura. É a coragem de desconstruir sistemas antropocêntricos arraigados, de confrontar poderes que exploram e poluem, e de viver segundo princípios de circularidade mesmo quando isso exige renúncia.

4. Moderação Hídrica

A temperança, na sociedade hidrocêntrica, é o autocontrole que aprende com os limites dos aquíferos e dos rios. É a recusa do uso desmedido, o respeito pela capacidade de recarga. O

respeito hidrosófico terá a qualidade da permeabilidade do solo - a capacidade de receber o outro sem perder a própria integridade.

5. Interdependência

O individualismo radical morre na civilização hidrocêntrica. Reconhecemos, celebrando, que nossa existência é um empréstimo do oceano, uma condensação da nuvem, uma parceria com a raiz que filtra e a folha que transpira. A solidariedade hidratada alcança os marginalizados por persistência e capilaridade. A compaixão torna-se um solvente ético para o egoísmo.

6. Gratidão Líquida

Por fim, a gratidão como sentimento orientador permanente. Gratidão pela chuva, pelo rio, pelo poço, pela água no copo e no próprio corpo. Este valor fundamenta uma cultura de reverência e cuidado, oposta à cultura de apropriação e indiferença.

Uma sociedade construída sobre esses valores reconecta a humanidade à sua fonte e destino mais elevados. Não estamos no mundo como administradores externos; **somos** expressões conscientes de seu processo hídrico central.

4: Como Construir Esse Mundo?

Mas como passar do sonho à prática? Como construir uma civilização hidrocêntrica? Existem alguns caminhos concretos:

No urbanismo: cidades-esponja. Telhados vivos, jardins de chuva, ruas permeáveis, corredores de evapotranspiração que conectam a cidade aos rios voadores. A arquitetura imitando processos hidrológicos.

Na agricultura: abandono do modelo de irrigação por extração predatória. Adoção da agro-hidrologia regenerativa, cultivando de acordo com a umidade do ar e a capacidade de recarga do solo. Florestas reconhecidas como cultivos de água.

No direito: personalidade jurídica para corpos d'água. Riachos, aquíferos, oceanos, nuvens - todos com direitos à existência, ao fluxo, à regeneração. Humanos como guardiões, não como proprietários.

Na cultura e espiritualidade: arte e rituais que celebram a sacralidade do ciclo. Gratidão pela chuva, respeito pelos mananciais, consciência da água corporal. A história ensinada como jornada das moléculas de água através do tempo geológico e biológico.

Na política: sistemas baseados na modelagem de bacias hidrográficas e do ciclo integral da água. Decisões fluindo dos afluentes para os rios principais, respeitando autonomia local e integridade do sistema maior.

Na ciência: a Hidrosafia Aplicada, transdisciplinar, estudando as relações entre química do oceano, física das nuvens, fisiologia das plantas, saúde humana e animal e padrões climáticos como um único sistema de aprendizado.

Cada ação de recuperação de nascente, cada monitoramento da qualidade da chuva, cada regeneração de manguezal é um ato de construção do mundo hidrocêntrico. É a prática que precede e conforma a nova consciência. É uma gota que pinga e expande o oceano.



A arte e a água. O primeiro barco. Pintura de Maria Helena Andrés, Rio de Janeiro. 1946.

5: O Sonho da Água que Aprendeu a Pensar

Vou terminar com uma imagem.



Água no planeta e no cosmos. Autora: Maria Helena Andrés.

Somos sagrados não porque estamos no centro, mas porque fluímos. Somos eternos não porque nunca morremos, mas porque se evaporarmos, voltaremos como chuva. Somos humanos porque, um dia, a água aprendeu, em nós, a sonhar.

Imaginem: a água, esse elemento que existe há bilhões de anos, que viajou por cometas e asteroides, que formou oceanos e geleiras, que testemunhou o surgimento e a extinção de incontáveis espécies - um dia, nesse minúsculo planeta azul, encontrou um corpo capaz de sonhar. Encontrou você. Encontrou cada um de nós.

E o sonho da água, finalmente, é acordar em cada ser como gratidão líquida, como ciclo consciente, que flui.

A civilização hidrocêntrica não é uma invenção nossa. É o desdobramento natural de quem somos. É aceitar que já vivemos com a água dentro e fora do corpo, e que nossa missão é aprender a habitar essa verdade com sabedoria, reverência e beleza.

Não seremos medidos, no futuro, pelo PIB que acumulamos, pelas mercadorias que produzimos, pelos arranha-céus que erguemos. Seremos medidos pela qualidade das águas. Seremos medidos pela saúde dos aquíferos. Seremos medidos pela capacidade de nossas cidades de dançar com a chuva, e não de combatê-la.

E quando nossos netos perguntarem: “O que vocês fizeram quando perceberam que a relação com a água era a questão central do nosso tempo?”

Que possamos responder: “Nós sonhamos juntos. E começamos a construir.”

Obrigado.

000

A presente série de artigos sobre Hidrosófia continuará. A primeira parte foi publicada na edição de maio de 2026 de “[O Teosofista](#)”. Clique para ver outros textos de [Maurício Andrés Ribeiro](#).

Maurício Andrés Ribeiro é arquiteto, escritor e fotógrafo. Foi Secretário Geral substituto da Agência Nacional de Águas e Saneamento Básico - ANA. Professor no Programa de Pós-Graduação em Gestão de Recursos Hídricos, Prof. Água, Mestrado Profissionalizante oferecido pela UnB (2019 a 2025). Autor de livros e artigos. Publica o blog [ecologizar.blogspot.com](#).

000

O Caminho da Força Interior: Experimente a Bênção que é o Estudo da Teosofia Clássica

Ingresse no grupo [Ser Atento](#) em Google Groups: <https://groups.google.com/g/seratento>.

000

A Teosofia Ignora a Política?

Vencendo a Epistemologia da Fragmentação



H.P. Blavatsky (1831-1891)

Almas ingênuas costumam dizer, como se fosse uma verdade inquestionável, que “a Teosofia nada tem a ver com questões sociais ou políticas”.

Na verdade, a teosofia é conhecimento universal: ela inclui a substância essencial de todos os campos de conhecimento.

A ilusão acadêmica e pseudocientífica segundo a qual um verdadeiro saber pode ser obtido fragmentando a realidade ou “especializando” a nossa visão dos fatos tem como fundamento uma absurda epistemologia da fragmentação. A ideia é completamente não-teosófica e falsa.

Em artigo publicado por Helena P. Blavatsky em 1882 nas páginas do periódico que ela editava, “The Theosophist”, um Paramahansa dos Himalaias faz uma série de definições interdisciplinares sobre Teosofia.

Ele escreveu:

“Teosofia é aquele ramo da política que une o passado e o futuro no presente, e que estabelece paz mesmo entre as ramificações mais tumultuosas da natureza degradada.” [1]

Blavatsky repudiou em seus escritos a política de curto prazo. Ela não poderia nem gostaria de negar o fato de que a política é a arte de decidir coletivamente os próximos passos da

criação do Carma comum no nível da comunidade. A política precisa ser reconhecida como um ramo da filosofia e da teosofia.

Não há separação entre os diferentes e numerosos campos de conhecimento, pensamento, sentimento e ação. Tudo no universo está em unidade. Os mais diversos pensamentos, sentimentos e formas de conhecimento estão em constante interação e mudam uns aos outros o tempo todo. Em relação ao século 21, o artigo “**Fazendo o que Depende de Nós**” tenta explicar:

“A vida econômica, política e social atravessa uma mudança em alta velocidade cujos resultados não podemos prever.”

É oportuno pensar com bom senso:

“Cada aspecto da civilização atual está passando por uma transmutação que causa múltiplos efeitos positivos e negativos. Ninguém é um mero espectador.”

“As ações de um indivíduo afetam a todos. Em outras palavras, é preciso ter consciência do *efeito dominó* ou *lei da interação*. A teoria da complexidade confirma o *efeito borboleta*, segundo o qual um pequeno acontecimento tem o poder de mudar o mundo inteiro.”

A lei da reciprocidade é inevitável:

“Seria ineficaz e pouco inteligente fingir que nada sabemos sobre o efeito-espelho. A lei da reciprocidade opera em todas as interações. A imagem que cada um tem dos outros é sempre um reflexo da imagem de si mesmo. Agora é o tempo certo, portanto, para agir com paz e serenidade de modo a não aumentar as fontes de dificuldades, em primeiro lugar, e para reduzi-las tanto quanto possível através de uma ação inteligente e cooperativa.” [2]

Não faz sentido, portanto, a ideia de que “a Teosofia é algo separado da política”. Aqueles para quem “*a verdadeira filosofia esotérica nada tem a dizer sobre a necessidade de escolher entre a paz e a guerra na comunidade global*” ainda precisam aprender os princípios básicos da teosofia.

A teosofia é uma filosofia de amor e de respeito pela Vida como um todo.

A teosofia é a Arte da Paz. A teosofia inclui toda a Vida em seu campo de conhecimento. Em relação à Guerra, o Paramahansa citado acima escreveu estas palavras significativas:

“Teosofia é aquela parte da arte da guerra que ensina como dominar (subjugar) o tempo e a morte, os dois inimigos mais poderosos do ser humano.” [3]

Há mesmo uma guerra a ser travada por todos os seres humanos, e o inimigo é a ignorância de cada um. Uma vez que compreendemos este fato bastante óbvio, vemos que não há necessidade de as nações ocidentais fabricarem uma guerra mundial contra a Rússia ou China. A verdade é o oposto. A cooperação entre as potências nucleares é fator essencial para a criação de um futuro melhor.

NOTAS:

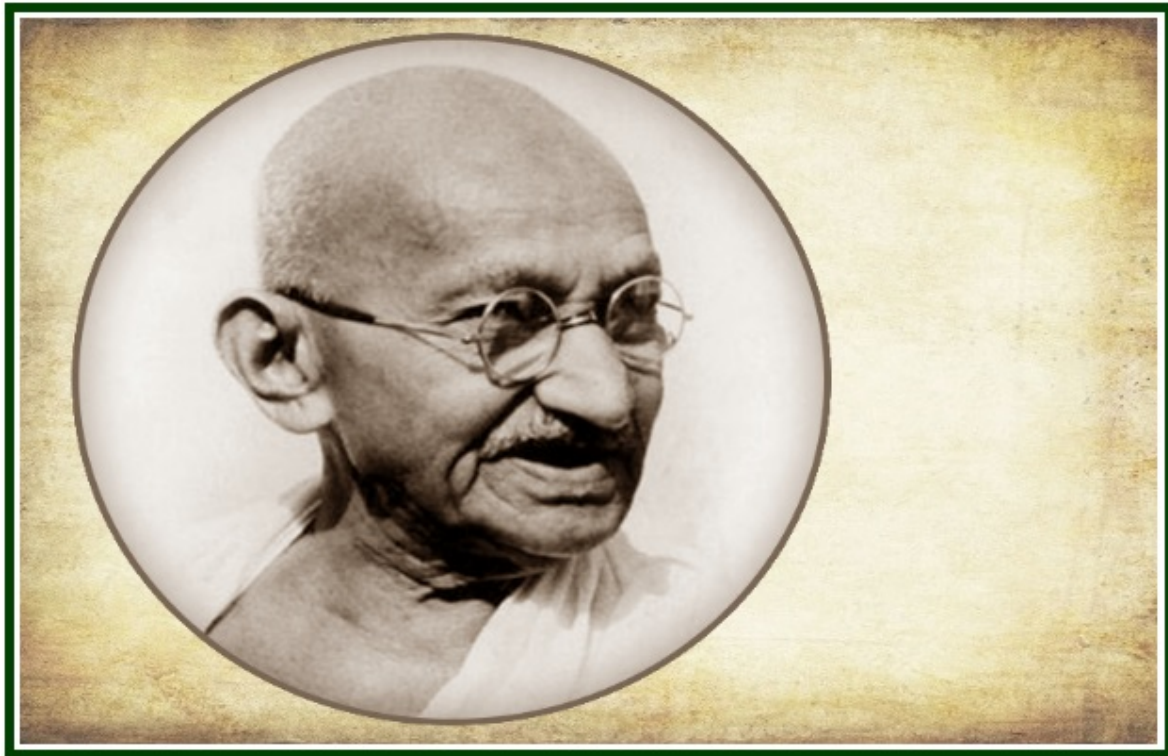
[1] [Sobre o Que é a Teosofia.](#)

[2] Veja [Fazendo o Que Depende de Nós.](#)

[3] [Sobre o Que é a Teosofia.](#)

000

Leia mais:



* [O Globalismo e a Fraternidade.](#)

* [Um Cosmo Em Cada Feto Humano.](#)

* [O Poder Filosófico da Democracia.](#)

* [Blavatsky, Comunismo e Socialismo.](#)

* [Dois Campos Cárnicos Na Transição Planetária.](#)

* [A Teosofia, o Álcool e as Drogas.](#)

* [Impedir o Filicídio e Respeitar as Crianças.](#)

* [A Filosofia Esotérica e o Amor Pelo Nosso País.](#)

* [Sobre o Aborto: o Feticídio é um Crime?](#), de Helena P. Blavatsky.

000

Ligue a Luz da Atenção



Deixe de lado a atmosfera mesquinha fabricada por egoísmos infantis em luta. **Amplie** o seu horizonte para além das ações cegas.

Use a **teosofia clássica** como uma lâmpada, e olhe para sua vida diária à luz da alma imortal.

É possível construir lentamente uma Escada de Jacó, uma ponte viva entre o humano e o sagrado em sua existência diária.

Ingresso gratuitamente no grupo **SerAtento** em Google Groups:
<https://groups.google.com/g/seratento>

E-grupo **SerAtento** em Google Groups:
<https://groups.google.com/g/seratento>

Ideias ao Longo do Caminho

A Teosofia e os Padres do Deserto: Uma Disciplina Para Vencer a Ignorância



O Tesouro Espiritual do Deserto

* As frases, os diálogos e os relatos de episódios das vidas dos Padres do Deserto durante os séculos IV e V da era cristã constituem um tesouro de valor incalculável para aquele que deseja vivenciar a sabedoria teosófica ou cristã.

* Não basta a leitura de livros teosóficos e filosóficos. Sozinha, a prática da leitura provoca vaidade, orgulho e um conhecimento meramente verbal, destituído da base indispensável da vivência prática e do teste cotidiano.

* A sabedoria da alma surge da luta individual contra os setores instintivos ou subconscientes do eu inferior. Na linguagem cristã antiga e medieval, trata-se da luta contra os *demônios*, isto é, as energias inferiores e destrutivas que desafiam cada alma humana.

* Quando vistas de modo correto, as histórias de êxito e fracasso espiritual presentes nos relatos do Deserto transmitem experiências reais. Esta massa de relatos em parte lendários está na base da tradição mística cristã, um processo histórico e vivencial que a [Carta do Maha-Chohan](#) identifica como sendo essencialmente semelhante à teosofia. O fato é teosoficamente importante porque a vivência prática do ensinamento espiritual é precisamente um ponto fraco do moderno movimento teosófico.

Unindo Teoria e Prática

* A cosmovisão e a compreensão do processo da vida em nosso planeta dadas à humanidade por Helena Blavatsky têm um valor incomparável.

* Por outro lado, o movimento teosófico, hoje com menos de 200 anos de existência, ainda não teve tempo de reunir força vivencial suficiente para erguer-se como deve ser. A falha deve-se em grande parte ao abandono das obras mais importantes da literatura teosófica, desde o ponto de vista do discipulado, isto é, do seu aprendizado prático. Desde que foram publicadas, as Cartas dos Mahatmas e as Cartas dos Mestres de Sabedoria vêm sendo amplamente ignoradas pelas corporações teosóficas mais numerosas, que as tratam como meras curiosidades históricas. Veja o texto [Deixando os Mestres de Lado](#).

* Assim na Terra como no Céu: o desenvolvimento de uma vontade espiritual no terreno prático, através de uma disciplina diária firme, é indispensável para compensar a expansão da visão da vida no plano abstrato.

* Entre outras áreas de pesquisa, o estudo vivencial da sabedoria do Deserto ajuda a vencer a dificuldade teosófica no campo da autodisciplina e da união entre teoria e prática. Os padres do Deserto são herdeiros imperfeitos dos essênios. O próprio Jesus Cristo foi um [Sábio do Deserto](#), conforme Helena Blavatsky esclareceu.

Martinho Bracarense e a Teosofia do Egito

* Os websites da Loja Independente de Teosofistas dispõem de um documento histórico de grande valor teosófico, filosófico, místico e psicológico: [“Sentenças dos Padres do Egito”](#). O texto reúne apotegmas dos Padres do Deserto, com comentários do ano de 2025. Trata-se de um documento do século seis da nossa era, produzido pelo filósofo cristão Martinho Bracarense na cidade hoje portuguesa de Braga. Na época, Braga era a capital do Reino Suevo.

*A [Nota Editorial de 2025](#), que acompanha as Sentenças, afirma:

* “Martinho [*Bracarense*] foi influenciado pelas ideias de João Cassiano (cerca de 360 - cerca de 435), um dos principais estudiosos da sabedoria dos Padres do Deserto. Os escritos de ambos têm forte valor teosófico. Cassiano é considerado um semipelagiano porque destaca a importância da autonomia do aprendiz, reconhecendo o fato de que é preciso avançar por decisão própria no caminho espiritual.”

* “Outra influência significativamente teosófica nos escritos de Martinho Bracarense é a do filósofo romano Lúcio Sêneca, nascido na Espanha em torno do ano quatro antes da era cristã. Martinho Bracarense, também conhecido como Martinho de Braga, exemplifica pessoalmente a vasta influência do pensamento estoico sobre o cristianismo original.”

Uma Vitória que Acontece em Silêncio

* O tempo de longo prazo pertence à luz da alma espiritual.

* Examinando a vida com um olhar abrangente, vemos que o melhor remédio para a maioria dos problemas humanos é um otimismo confiante e incondicional, livre de expectativas de curto prazo. Desta perspectiva realista surge um esforço eficiente, cujo resultado é uma vitória silenciosa e calma.

* A vida consiste em desenvolver um projeto sustentável e bem direcionado pelo qual se alcança pouco a pouco um objetivo sagrado.

(CCA)

Novos Itens em Nossos Websites

Este é o informe mensal sobre as novas publicações da Loja Independente de Teosofistas. [1] Dia 19 de junho havia 3648 itens em nosso [acervo](#), dos quais 50 estavam em [francês](#), 1611 em [português](#), 1548 em [inglês](#) e 406 em [espanhol](#). Havia 33 em [russo](#), três dos quais constam do presente relatório.

Os seguintes itens foram publicados entre 16 de maio e 19 de junho de 2026:

(Títulos mais recentes acima)

1. **Ideias ao Longo do Caminho - 72** - Carlos Cardoso Aveline
2. **Thoughts Along the Road - 97** - Carlos Cardoso Aveline
3. **The Aquarian Theosophist, June 2026**
4. **Jesus, a Sage Who Lived in the Desert** - Helena P. Blavatsky
5. **Descoberta a Cura Para a Inveja** - Carlos Cardoso Aveline
6. **El Teósofo Acuariano 055, Junio de 2026**
7. **Los Siete Principios del Movimiento** - Carlos Cardoso Aveline
8. **O Medo, a Coragem e a Vitória** - Joana Maria Ferreira de Pinho
9. **La Teosofía y la Reencarnación** - Carlos Cardoso Aveline
10. **Los Khipus Como Forma de Escritura** - Jesús Lara
11. **Мысли в пути - 06** - Карлос Кардосо Авелине (Carlos C. Aveline)
12. **Três Lições de Isaías de Gaza** - Carlos Cardoso Aveline
13. **Nove Vídeos com Carlos Cardoso Aveline** - Loja Independente de Teosofistas
14. **Oração à Lei da Honestidade** - Carlos Cardoso Aveline
15. **As Sete Idades do Homem** - William Shakespeare
16. **Marquês de Maricá e a Teosofia** - Carlos Cardoso Aveline
17. **O TEOSOFISTA, Maio de 2026**

NOTA:

[1] Entre os websites associados estão www.FilosofiaEsoterica.com, www.CarlosCardosoAveline.com, www.HelenaBlavatsky.net, www.TheosophyOnline.com, www.HelenaBlavatsky.org, www.TheAquarianTheosophist.com e www.RussianTheosophist.com.

000

Vídeos Sobre a Arte de Viver: **A Luz da Teosofia, em Poucas Palavras**



Uma estátua dedicada à deusa grega da Vitória, Nike.

1. Você Não Pode Comprar Paz no Supermercado

Um vídeo de 1m: * [Canal Loja Independente de Teosofistas](#) * [Canal Filosofia Esotérica](#).

2. Os Três Venenos e os Seus Antídotos

As Cartas dos Mahatmas e a batalha pela vida e pela luz na alma humana. Um vídeo de 8m:
* [Canal Loja Independente de Teosofistas](#) * [Canal Filosofia Esotérica](#).

3. Céu e Terra, Dois Estados de Alma

A bem-aventurança na Ioga de Patañjali e na Sabedoria Cristã. Vídeo de 9m:
* [Canal Loja Independente de Teosofistas](#) * [Canal Filosofia Esotérica](#).

4. A Bem-Aventura Diária: Curando a Doença da Inveja

Vídeo de 7m: * [Canal Loja Independente de Teosofistas](#) * [Canal Filosofia Esotérica](#).

5. O Renascimento da Ética e da Religiosidade

A vitória da Verdade - anunciada por Helena Blavatsky - pode estar começando agora.

Vídeo de 10m: * [Canal Loja Independente de Teosofistas](#) * [Canal Filosofia Esotérica](#).

6. Os Níveis da Vida: Supraconsciente, Consciente e Subconsciente

Vídeo de 9m: * [Canal Loja Independente de Teosofistas](#) * [Canal Filosofia Esotérica](#).

7. Enquanto Sua Alma Busca o Céu, Você Precisa Enfrentar o Inferno

Um grande número de duros testes e ilusões rodeia a porta que leva para a sabedoria.

Vídeo de 7m: * [Canal Loja Independente de Teosofistas](#) * [Canal Filosofia Esotérica](#).

8. A Sabedoria do Deserto

O lugar interior que leva à plenitude. Vídeo de 1m:

* [Canal Loja Independente de Teosofistas](#) * [Canal Filosofia Esotérica](#).

9. Ter Um Ideal de Vida e Viver à Altura Dele

Aprendendo sabedoria pelo exemplo. Um vídeo de 9m:

* [Canal Loja Independente de Teosofistas](#) * [Canal Filosofia Esotérica](#).

10. O Alicerce da Felicidade Durável

Um vídeo de 4m:

* [Canal Loja Independente de Teosofistas](#) * [Canal Filosofia Esotérica](#).

11. Exercício: A Imaginação Define o Rumo da Vida

Vídeo de 5m: * [Canal Loja Independente de Teosofistas](#) * [Canal Filosofia Esotérica](#).

12. A Lição Que o Ocidente Tem de Aprender Com a Rússia

Vídeo de 7m: * [Canal Loja Independente de Teosofistas](#) * [Canal Filosofia Esotérica](#).

13. A Arte de Viver: O Segredo da Lentidão

Vídeo de 4m: * [Canal Loja Independente de Teosofistas](#) * [Canal Filosofia Esotérica](#).

